



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

AISLAN CASAIS DOS SANTOS

MARIA DIONÍSIA: ANCESTRALIDADE, RELIGIOSIDADE E RESISTÊNCIA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

AISLAN CASAIS DOS SANTOS

MARIA DIONÍSIA: ANCESTRALIDADE, RELIGIOSIDADE E RESISTÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	PROBLEMATIZAÇÃO	5
3	OBJETIVOS	7
3.1	OBJETIVOS GERAIS	7
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
4	HIPÓTESE	7
5	JUSTIFICATIVAS	8
6	METODOLOGIA	8
7	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
8	CRONOGRAMA	13
	REFERÊNCIAS	14

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco principal a trajetória da Yalorixá¹ Maria Dionísia para que possamos compreender de forma áudio- visual a importância da manutenção cultural na diáspora negro-africana tendo como perspectiva, a ancestralidade, religiosidade e resistência a partir da vivência da Yalorixá. Ao dialogar com o autor Oliveira (2012) compreendi a importância de escrevermos nossa própria filosofia a fim de contrapor com escritos que mantêm uma visão de superioridade branca a partir do imaginário colonizador e a partir daí resolvi escrever sobre meu lugar e meu processo enquanto filho de santo, é por esse motivo que ao falar de Maria Dionísia falo também sobre minha busca pessoal em entender minha ancestralidade, sendo neto duas vezes da Yalorixá, uma vez que sou neto na construção de família ocidental e neto na organização dos Candomblés que também é caracterizada como uma organização familiar, Segundo Silva (2005) sempre houve uma construção familiar dentro das culturas africanas e essa construção vem sendo mantida até os dias de hoje além de ser possível observar a partir dos ensinamentos orais, que vão nos mostrar que em África era possível identificar essas famílias a partir de etnias e no Brasil com as interferências raciais, e separação desses povos já não se podem caracterizar essas famílias como grupos étnicos, mas a partir dos indivíduos que fazem parte de uma casa de Candomblé. Fui iniciado a religião por um sacerdote que é filho de santo da casa de Maria Dionísia, falo também da importância que a Yalorixá teve na minha construção enquanto indivíduo político e social, partindo dessas relações fui impulsionado à realização desse trabalho.

Os candomblés cada vez mais vêm se tornando um mecanismo de busca para entender a ancestralidade negro-africana no Brasil, pois essa busca vem sendo muito mais relacionada à cultura do que a busca feita a partir de tipo sanguíneo ou fatores biológicos, Oliveira (2012) vai afirmar que a ancestralidade negro-africana na diáspora brasileira, não é mais um demarcador de reconhecimento a partir do tipo sanguíneo como no século XX e sim vem sendo utilizada como principal fundamento do Candomblé uma vez que ela não está mais relacionada à os africanos e suas linhagens, mas a toda prática que se observa a partir dos filhos de santos.

Quando falamos de Maria Dionísia vale lembrar que os candomblés nascem através da junção de culturas africanas matriarcais (Póvoas 2010) sendo então importante pontuarmos a importância da sabedoria dessas mulheres. Santos vai afirmar que: a ancestralidade está

¹ Palavra de origem Yorubá que significa “mãe de Santo”.

relacionada ao saber que se relaciona ao saber das Yabás² (SANTOS,2016, P.11), Póvoas (2010) vai pontuar também que esse poder do feminino não está ligado a uma ideia de gênero ocidental uma vez que essas energias femininas também regem cabeças de homens dentro dos candomblés. Ambos nos trazem uma reflexão sobre a força feminina e a importância de se ouvir essas mulheres que são responsáveis pela manutenção cultural na diáspora brasileira.

Maria Dionísia, 83 anos, é umas das sacerdotisas mais velhas da cidade de Cachoeira-BA, onde nasceu em 07 de outubro do ano de 1935. Aos 12 anos de idade foi iniciada na religião do candomblé em um Ylé axé³ que ficava localizado em Capoeiruçu (zona rural da cidade de Cachoeira-BA), por motivos do tempo e a falta de documentação referente a casa, não foi possível identificar o nome, mas posso afirmar que pertencia ao “finado Manoel Ozébio dos Santos, filho de ogum e babalorixá de um terreiro *keto e angola*” (DAMASCENO 2016, P. 6). Aos 21 Maria Dionísia fundou o Ylé axé Oya Muncumbi, de onde é zeladora desde sua fundação. Mãe de oito filhos e viúva desde os 35 anos, Maria Dionísia trabalhou como lavadeira de ganho, para sustentar a casa e um tempo depois passou a trabalhar na fábrica de charuto Suerdick, hoje ela continua em atividade religiosa mesmo com algumas limitações por causa da idade.

A vida de Dionísia nos mostra uma vivência matriarcal, ancestral e religiosa que nos permite fazer uma comparação social, relacionando a vivência de outras pessoas que perpassam gerações mantendo viva a cultura africana no Brasil.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Como me ensinou Roquinha certa vez: “Candomblé é coisa. Quando mais você ‘futura’ mais aparece coisa. Não tem pai de santo bom que vá até o fundamento. O fundamento não tem fim. Não estou te contando nem a terça metade. Candomblé? Já tem esse nome. É mistura de linguagem, com azeite, vatapá, caruru, folhas, raízes e tudo o mais. A mistura é forte. (Damasceno 2016) ⁴

O conhecimento nos candomblés é adquirido a partir de graus hierárquicos de acordo com a função exercida dentro de uma casa de candomblé, Silva(2005) vai falar que o conhecimento é passado baseado como em qualquer outra família e suas classificações de parentes sendo eles avó, avô, pai, mãe, tios até chegar nos filhos e quanto maior seu grau

² Significa Mãe rainha e é usado para se referir aos orixás de energias femininas.

³ Casa ou terreiro de Candomblé.

⁴ Citação de Damasceno se referindo a uma fala de Roquelina Santos, que é filha biológica e filha de Santo de Maria Dionísia.

hierárquico mais conhecimento você vai adquirindo, porém é importante salientar que não existe um conhecedor de todo fundamento ritualístico dentro dos candomblés, pois cada terreiro tem sua diversidade de fundamentos e diferentes culturas que foram a base para a formação dos candomblés como pontua Oliveira(2012).

Trago como problema os escritos sobre as culturas africanas no Brasil e em África serem fundamentadas a partir da visão etnocêntrica, mesmo com a Lei Federal 10.639/03⁵ como pontua Oliveira (2012):

Vale lembrar, entretanto, que, na maioria dos casos, essas abordagens são alienígenas à própria perspectiva africana e afrodescendente. São matrizes teóricas produzidas nos continentes que “colonizaram” a África e o Brasil. E que, não obstante, prolongam sua atitude colonialista ao manter intactas as estruturas de dominação vigentes desde o século XV de nossa era. (OLIVEIRA, 2012, P.31)

Sendo escritas feitas por visões de autores que não vivenciam os candomblés como bases de sua busca ancestral acabam não fazendo a discussão do racismo ou escravidão, afirmando a ideia de se fazer uma comparação a civilização europeia, além de não compreender a essência e o vasto conhecimento ancestral que está direcionado a os sacerdotes e sacerdotisas responsáveis por esses templos religiosos.

afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural de acordo com seus próprios interesses humanos(ASANTE, 2009, P. 39 Apud OLIVEIRA, 2012, P.31).

A uma importância de afro-centralizar nossas mentes a fim de entender os candomblés em sua essência e buscar o conhecimento através dos portadores do saber, e também saber ouvir e se desconectar do mundo eurocêntrico para uma nova formação cultural, cultura essa que é uma das principais responsáveis pelo reconhecimento identitário brasileiro.

Ouvir Maria Dionísia é romper com a ideia de títulos acadêmicos como formas de sabedoria, mas é apreender a cultura da diáspora negro-africana a partir dos responsáveis pela manutenção dos candomblés, pois dentro da cultura africana eles são os portadores do saber.

⁵ Essa é uma Lei criada para tornar obrigatório o ensino das culturas afro-brasileiras e africanas nas escolas sejam elas privadas ou públicas.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVOS GERAIS

- ❖ Analisar a trajetória de Maria Dionísia para entender como a sua vivência está relacionada à ancestralidade, resistência e religiosidade e como a mesma contribui para a manutenção da cultura afro-brasileira.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Averiguar a história de Maria Dionísia como transmissora do saber.
- Examinar como a ancestralidade se entrecruza com a resistência e religiosidade.
- Identificar os processos rituais que leva a o indivíduo a se torna uma pessoa sábia e portadora desse conhecimento ancestral negro.
- Produzir um filme documental sobre a vida e trajetória de Maria Dionísia

4 HIPÓTESE

Mãe Dionísia e seus filhos contam que em um dia de tempestade forte com muitas trovoadas, a iansã de Dionísia veio em terra pela primeira vez. Chegou no som do trovão. Dionísia era apenas um bebê de três meses quando isso ocorreu. No mesmo instante que trovoou, a criança deu um grito e enrijeceu todo o corpo. Parecia morta. Sua avó, mãe e tias, que estavam presentes na hora, começaram a chorar imaginando que a pequena Dionísia havia morrido. Em seguida, porém, adentrou à casa, como uma trovoada, uma vizinha incorporada em iansã, dançando e dando seu ilá. (DAMASCENO, 2016, P. 4)

Partimos da hipótese que as histórias contadas por Maria Dionísia através da oralidade são importantes para a formação dos saberes Negro-africanos no Brasil, incluindo as formas de organizações política e social pois “a maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa” (OLIVEIRA).

Os mitos nos trazem uma perspectiva dos candomblés como um mecanismo para nos conectar a o místico, porém tendo na imagem da Yalorixá uma transmissora da complexidade e encantamentos mitológicos para o conhecimento dentro dos Candomblés. Maria Dionísia é também um símbolo de resistência que nós ajudará a entender como se dá a manutenção da cultura negra no Brasil como formação identitária e religiosa.

5 JUSTIFICATIVAS

“Acreditando ter herdado dela esse caminho com os santos, traçando assim, uma *linha* de continuidade entre sua trajetória e a de sua tia-avó” ⁶(DAMASCENO,2016, P.6), com Maria Dionísia aprendi o significado de herança ancestral que é de grande relevância para meu trabalho, visto que ao falar dela falo também sobre meu processo pessoal de reconhecimento identitário enquanto pertencente a ancestralidade negro-africana brasileira.

A relevância social do trabalho vem exatamente na necessidade de estudar sobre culturas na perspectiva de quem a vivência, o trabalho também traz a perspectiva de desconstruir ideias que foram introduzidas a partir do olhar etnocêntrico e racista, uma vez que esse racismo é percebido dentro da própria categoria científica: “o racismo é, por assim dizer, um regime de signos que sobrecodifica todos os outros signos de seu sistema e remete a uma atitude contra o negro e a negra, ainda que a justificativa possa parecer “plausível”, “ética” ou “científica”.” (OLIVEIRA, 2012, P.36)

O trabalho será como um transmissor de saber ancestral além de ser uma autovalorização dos conhecimentos presentes nos espaços educativos não ocidentais desmistificando o imaginário folclorizado que se tem dos candomblés. O trabalho é também uma autovalorização do rompimento a forma de saber ocidental e como esse saber foi transmitido, nos fazendo buscar e resgatar nossa cultura como resistência e demarcador ancestral.

5 METODOLOGIA

E importante pontuar que esse projeto nasce da ideia de se produzir um documentário e para isso optei por trabalhar com pesquisa Bibliográfica. A pesquisa bibliográfica será importante para levantamento de informações sobre o objeto estudado. E importante salientar que a pesquisa começa ao dialogar com Damasceno (2016), que tem todo um trabalho de campo voltado a entender o mecanismo de funcionamento do terreiro do objeto ao qual eu estou estudando, trago como uma possibilidade a participação da autora no documentário, contextualizo como possibilidade uma vez que não se tem uma certeza sobre a participação da mesma, utilizarei Nascimento (2016) Pois ele pontua a importância dos candomblés para

⁶ Citação baseada na fala de Maria Dionísia.

construções sociais não ocidentais analisando os candomblés como um todo, pontuando as interferências culturais encontradas na diáspora. Durante a pesquisa bibliográfica vou utilizar Silva (2005) que traz de forma ampla e coerente o conceito de “Família-de-Santo” fazendo com que legitime a organização social dentro desse espaço facilitando o processo da pesquisa durante o trabalho de campo ao qual pretendo realizar. Durante o trabalho de campo irei observar processos que acontecem dentro do terreiro me desvinculando do processo religioso ao qual faço parte e me colocando com um olhar de pesquisador. Após a pesquisa de campo buscarei documentos que validem a veracidade das informações colhidas durante o trabalho, mesmo tendo como válida as informações colhidas, uma vez que me proponho há legitimar a oralidade em todo meu trabalho e para isso utilizarei a importância da manutenção da cultura oral como pontua Oliveira.

O método participativo⁷ o qual optei por trabalhar irá nós conduzir durante todo o processo de pesquisa e documentário, uma vez que pontuo a importância matriarca em todas as fases do trabalho. Póvoas (2010) e Santos (2016) dialogam em suas obras sobre a importância do feminino ao sagrado pontuando uma relação dessa energia diretamente com as Yabás e é a partir dessa ideia que afirmo que a presença de Oya⁸ regente do ori⁹ da Yalorixá e Oxum¹⁰ a qual é regente do meu ori fará com que essa parceria seja o início de uma nova trajetória.

A produção do documentário de nome “Dionísia” visa mostrar a vida da yalorixá durante processos religiosos e sociais fazendo com que o público se aproxime da relação dos sacerdotes com os responsáveis pela manutenção da cultura na diáspora brasileira. Para a produção do filme temos uma equipe de três pessoas em campo sendo duas câmeras e um captador de som, estes além de fazer as imagens durante os ritos religiosos serão também responsáveis pela captação de som e imagem das entrevistas a serem realizadas para composição do filme documental. As entrevistas serão realizadas em dois dias com personagens que serão pré-selecionados durante a construção do projeto. A equipe de edição fará toda montagem do filme introduzindo inclusive imagens que serão recolhidas e selecionadas durante o trabalho de campo.

Existe uma grande possibilidade de construções de cenas artísticas e fictícias que representarão algum momento em especial durante os relatos, mas não poderei afirmar uma

⁷ O método participativo é quando o objeto de estudo constrói junto com o pesquisador o projeto. (MACEDO; FERNADES; SANTOS, 2019).

⁸ Deusa Yorubá, que também pode ser chamada de Iansã, é representada pelo vento a ao qual antecede a tempestade.

⁹ Palavra em Yorubá que traduzindo para o português é o que equivale a cabeça.

¹⁰ Deusa Yorubá, é representada pelas águas doces e cachoeiras.

vez que o roteiro de filmagens ainda está em processo de construção.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O OiáMucumbi é uma casa de nação ketoe angola, mas é também uma casa na qual são cultuadas a linha branca e a linha católica. Certa vez, Mãe Dionísia sonhou com Santa Bárbara. Nesse sonho, a santa lhe incumbia a seguinte tarefa: que iniciasse a construção de uma capela dentro do seu terreiro, uma capela em homenagem a santa, mas que também receberia todas as devoções à Zambi e aos santos da linha católica. Ainda recomendou que todo 04 de dezembro se rezasse uma missa em sua devoção. Dito e feito. Assim a dona da casa procedeu e passou a convidar Padre Roque, que todo fim de ano subia as escadarias do terreiro para realizar a missa da santa junto a Mãe Dionísia e a seus filhos de santo (DAMASCENO 2016)

Segundo Oliveira (2012, P 29) a compreensão de ancestralidade negro-africana vai sofrer variações com a multiplicidade cultural encontradas nas diásporas negras, e no Brasil essa multiplicidade se dá através das influências indígenas e europeias, é possível observar essa miscigenação a partir do sincretismo religioso presentes nas vivências dos candomblés. O sincretismo é definido como a “combinação, em um só sistema, de elementos de crenças e práticas culturais de diversas fontes” (LOPES, 2004, p.623 apud NASCIMENTO, 2016, p.156), mas quando vamos pontuar o contexto para o surgimento do sincretismo dentro dos candomblés percebemos que se dá também pela negação eurocêntrica de se legitimar a existência de uma forma de organização cultural, política e religiosa da população escravizada.

O sincretismo religioso uniu práticas e crenças católicas e práticas e crenças de diversos povos africanos. O sincretismo teve uma função estratégica na constituição dos candomblés, uma vez que a perseguição a qualquer elemento da cultura negra era muito frequente na sociedade brasileira da época do surgimento dos candomblés, o que tornou esta estratégia uma forma de resistência e camuflagem (FERRETTI, 2013 apud NASCIMENTO, 2016).

O terreiro de Maria Dionísia assim como muitos outros espalhados pelo Brasil é também fruto de uma cultura sincrética, e mantém toda uma tradição que liga a igreja católica as culturas africanas isso é visivelmente perceptivo quando analisamos a obra de Damasceno ao relatar uma manifestação religiosa presenciada dentro do ylé:

Em dias de sessões de mesa uma mesa comprida é posicionada ao centro do pagodô¹¹. O móvel é composto por dois largos bancos de madeira nas laterais, uma cadeira simples em uma das pontas e uma poltrona de madeira bem trabalhada na outra - lugar destinado a dona da casa. A mesa é ornamentada por um vistoso pano branco, um jarro com flores brancas ao centro, velas e copos d'água colocados à frente dos lugares a serem ainda ocupados pelos integrantes do terreiro. Mãe Dionísia é a primeira a sentar-se à mesa. De sua poltrona, ela observa firmemente cada filho seu, todos estão sentados nas esteiras, rentes ao chão. Convida alguns a ocuparem os espaços à mesa, e quando já estão todos alocados, apagam-se as luzes, deixando apenas uma luz difusa acesa. A dona da casa com sua voz calma e baixa dá início a sessão. Pede licença aos santos católicos, aos orixás, aos inquices e aos espíritos de luz. Aos pedidos de licença feitos a cada santo, rezamos um pai nosso e uma ave-maria. Findado todos os pedidos de licença, Mãe Dionísia puxa algumas cantigas aos orixás, e é nessa hora que começam a *descer em terra*, seu Ogum menino e os orixás de seus filhos de santo. Fazemos, então, uma fila para receber a benção dos orixás e para ouvir com atenção o que eles têm a nos dizer. (DAMASCENO 2016)

Entender o sincretismo dentro dos candomblés é essencial para entendermos que as culturas africanas elas passam por modificações a partir do seu posicionamento geográfico e todo contexto histórico da diáspora aonde ela vem resistindo. No Brasil, por exemplo, a o falar dos candomblés vamos ter também o surgimento de nação que para Silva (2005, P.65) é uma tentativa de distinguir ritos predominantes de diversos grupos étnicos que durante o processo de escravização foram separados e misturados com diversos outros povos, tendo também a ideia de nação como uma forma de sincretismo.

Os candomblés são estruturas sociais e religiosas responsáveis pela conexão a ancestralidade, uma vez que se propõe a organizar uma estrutura familiar na contextualização africana:

A família-de-santo foi à forma de organização que estruturou os terreiros onde negros e mulatos destituídos de um grupo de referência pela escravidão, se reunião, estabelecendo vínculos baseados em laços de parentesco religioso. Essa forma de organização persiste até hoje. (SILVA, 2005 P. 56)

Muitos buscam nos candomblés entender suas origens a partir da cultura e esse é um fator importante para se pensar os candomblés para além de religião. Nascimento (2016, p 163) pontua que os discursos do candomblé enquanto religiões são recentes, pois os praticantes dos candomblés não se veem enquanto pertencentes a uma religião, mas se enquadram em modos de vida que devem ser compreendidos em sua pluralidade tendo em vista as variações entre nações, tempo e tradições que podem variar de casa pra casa.

Os candomblés e sua complexidade também não há a existência de livros sagrados que

¹¹ Como é chamado o terreiro pela Yalorixá e os filhos de santo e é onde acontecem as manifestações religiosas.

irá guiar um Yao¹² para uma compreensão daquele universo, os ensinamentos são transmitidos a partir da oralidade, que logo se torna um principal fundamento da cultura africana e também dos mitos que são contados pelos zeladores:

mitos não segreguem as esferas do viver. Não separa religião de política, ética de trabalho, conhecimento de ação. Talvez, também, porque o mito mantenha seu poder de segredo e encantamento, pois ao mesmo tempo em que revela, esconde e, ao mesmo tempo em que oculta, manifesta. E num caso ou no outro ele encanta, seja pela beleza explícita seja pela beleza encoberta. Em todo o caso a ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na música, na dança ou na arte. A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer. (OLIVEIRA)

E necessário se reconhecer nos candomblés espaços educativos não ocidentais, pois é a partir dessas famílias que se resgatam a cultura negro-africana no Brasil. Quando dialogamos com Nascimento (2016) analisamos que essas oralidades fazem parte da vivência na comunidade e são transmitidas através do conhecimento adquirido pelas pessoas mais velhas, que para Silva (2005, P.57) essas pessoas mais velhas não são classificadas a partir da idade, e sim a partir do tempo de iniciação na religião que irá definir a posição que o mesmo ocupa na construção familiar dentro dos candomblés. Mesmo não se existindo um modelo ou um saber em sua totalidade aos fundamentos como relata Damasceno (2016, P. 2). Esse saber popular é transmitido gradativamente e em forma de mitologias ou provérbios. Essas mitologias ou simplesmente Mitos, muitas vezes relatam uma humanização dos Deuses africanos com místico dialogando com a realidade.

O modelo científico, por exemplo, naturalizou a “superioridade ariana” sobre a “inferioridade africana” dando a essa taxonomia um status de científica. Ao “biologizar” o social, naturalizou os papéis de inferior para os negros e de superior para os brancos. Ao mesmo tempo, os sistemas filosóficos e políticos desenvolviam-se na Europa, justificando a superioridade europeia sobre o resto do mundo, transformando em metafísica o que era apenas um dado histórico, isto é, construído socialmente. (OLIVEIRA, 2012, P33).

Existe uma resistência das academias ocidentais em legitimar a filosofia da ancestralidade africana como uma disciplina científica, principalmente por não existir semelhanças e não se enquadrar com o modelo da filosofia ocidental, porém ao mesmo tempo reconhece a existência da mesma através de escritos produzidos a partir de um olhar eurocêntrico.

¹² Título dado a quem é iniciado na religião do Candomblé.

7 CRONOGRAMA

ANOS/ETAPAS	2018		2019		2020		2021	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º
Reelaboração do projeto e captação de imagens			X					
Levantamento bibliográfico			X					
Apresentação do projeto reelaborado			X	X				
Organização do roteiro/partes			X	X				
Coleta de dados e gravação das entrevistas					X	X		
Análise dos dados					X	X		
Redação do trabalho							X	
Revisão e redação final							X	
Entrega da monografia								X
Defesa da monografia e exibição do corte final do filme								X

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Luisa Mesquita. A aldeia e suas linhas: entre entidades, pessoas, “coisas” e lugares. **PPGCS-UFRB**, 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, p. 01-17, 3 ago. 2016.

MACEDO, Marcelo Hernandez ; FERNADES, Artur Seidel; SANTOS, Jenifer Silva. MÉTODOS PARTICIPATIVOS – ETNOGRAFIA DE UM PROCESSO DE PESQUISA. **ANIMUS**, Santa Maria- RS, p. 154-173, 26 mar. 2019.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. *In*: NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Ensaio Filosóficos, Volume XIII**. [S. l.: s. n.], 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David. FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE COMO FILOSOFIA AFRICANA: EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**, [S. l.], p. 28-47, maio-out/ 2012.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. **Instituto de Pesquisa da Afro-descendência – IPAD.**, [S. l.], [S. P.], [S. D.].

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A memória do feminino no candomblé**. Ilheus-Bahia: UESC, 2010

SANTOS, Nilsa Maria. **NEGRAS VELHAS: UM ESTUDO SOBRE SEUS SABERES NAS PERSPECTIVAS DE ENVELHECIMENTO, TRABALHO, SEXUALIDADE E RELIGIOSIDADE** *Dissertação*. 2016. *Dissertação (Mestrado)* - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves. As nações do Candomblé. *In*: SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda caminhos da devoção**. São Paulo: Selo Preto, 2005.

SILVA, Vagner Gonsalves. A família-de-santo e a organização social dos terreiros. *In*: SILVA, Vagner Gonsalves. **Candomblé e Umbanda caminhos da devoção**. São Paulo: Selo Negro, 2005.